

**Lídia Michelle Azevedo**

Universidade Federal do Rio  
de Janeiro – UFRJ

E-mail:

[lidiamichelle@gmail.com](mailto:lidiamichelle@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

## **Preta e mulher: A construção de uma escritora feminista e ativista a partir do contexto histórico do Zimbábue**

*Black and female:  
The Making of a Feminist and Activist Writer  
from Zimbabwe's Historical Context*

*Negra y mujer:  
La construcción de una escritora feminista y  
activista desde el contexto  
histórico de Zimbabue*

Azevedo, L. M. (2024). Preta e mulher: A construção de uma escritora feminista e ativista a partir do contexto histórico do Zimbábue. *Revista Eco-Pós*, 27(3), 583–592. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28423>

**RESUMO**

No livro *Preta e Mulher* (2023), Tsitsi Dangarembga entrelaça a sua história de vida com o contexto histórico do Zimbábue, seu país de natal, e com as estratégias usadas pelo colonizador para construir o caminho que a faz se auto titular escritora, cineasta, feminista e ativista. Primeira mulher negra daquele país a publicar um livro em inglês. A autora relata como as estratégias de dominação colonizadora influenciaram a maneira como ela se enxergava no mundo, como a escrita a salvou, ao entender que saber usar as palavras é poder, e fala também sobre a necessidade da descolonização do pensamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Negritude; Racismo; Feminismo; Colonização; Descolonização e ativismo.*

**ABSTRACT**

In the book *Preta e Mulher* (2023), Tsitsi Dangarembga intertwines her life story with the historical context of Zimbabwe, her home country, and with the strategies used by the colonizer to build the path that makes her a self-titled writer, filmmaker, feminist and activist. First black woman in that country to publish a book in English. The author reports how colonizing domination strategies influenced the way she saw herself in the world, how writing saved her, by understanding that knowing how to use words is power, and also talks about the need for decolonization of thought.

**KEYWORDS:** *Blackness; Racism; Feminism; Colonization; Decolonization and activism.*

**RESUMEN**

En el libro *Preta e Mulher* (2023), Tsitsi Dangarembga entrelaza la historia de su vida con el contexto histórico de Zimbabwe, su país de origen, y con las estrategias utilizadas por el colonizador para construir el camino que la convierte en una escritora, cineasta y escritora homónima. feminista y activista. Primera mujer negra de ese país en publicar un libro en inglés. La autora relata cómo las estrategias de dominación colonizadora influyeron en su forma de verse en el mundo, cómo la escritura la salvó, al comprender que saber usar las palabras es poder, y también habla de la necesidad de descolonizar el pensamiento.

**PALABRAS CLAVE:** *Negritud; Racismo; Feminismo; Colonización; Descolonización y activismo.*

Submetido em 22 de outubro de 2024.

Aceito em 20 de novembro de 2024.

Responsável por trazer ao Brasil as obras de Tsitsi Dangarembga, a partir da trilogia de ficção formada pelos livros *Condições nervosas*, *O livro do Não* e *Esse corpo lamentado*, a editora Kapulana traduziu e publicou em 2023 a obra *Preta e Mulher*, escrito pela mesma autora. Primeira mulher negra do Zimbábue a publicar um livro em inglês, Dangarembga é apresentada como escritora, cineasta, feminista e ativista.

Dividido em quatro partes, *Preta e Mulher* tem como ponto de partida, na introdução, a apresentação do contexto histórico do país natal da autora e a discussão em torno de questões como racismo, feminismo e as consequências de anos de uma atuação colonial na construção desta sociedade africana. Explicar como se dá o processo de colonização do país é importante para entender os capítulos seguintes, quando ela revela ao leitor como se moldou como escritora, mulher, feminista e ativista. Contar a história deste lugar no mundo também é uma forma de evitar o perigo da história única. O que aconteceu no Zimbábue é um fragmento do que aconteceu no continente africano, não o todo; logo, a experiência dela como mulher negra também é única, apesar de similaridades com outras mulheres negras africanas ou diaspóricas.

Como o título sugere, ela escreve sobre raça e gênero a partir da própria experiência, tanto que faz questão de começar o primeiro parágrafo do livro conjugando o verbo ser na primeira pessoa do presente do indicativo: “Sou!Sou uma refugiada existencial. Encontro-me em estado de fuga desde que saí do útero, e provavelmente desde antes disso, considerando as circunstâncias em que nasci e o efeito delas em minha realidade pré-natal”. (Dangarembga, 2023, p. 7).

A partir desse ponto há um mergulho na história de sua família e de seu país, que a autora faz questão de pontuar que se chamava Rodésia do Sul quando, apesar de ter um governo próprio, ainda era uma colônia britânica, se tornando Zimbábue apenas após o processo de independência. Dangarembga marca essa diferença para mostrar a construção governamental e social enquanto o território foi colônia, e depois, ao deixar de ser.

Em 1923, com o intuito de dar mais *soberania* aos africanos de suas colônias, a Grã-Bretanha concede aos seus territórios, incluindo a Rodésia do Sul, a autogestão. No acordo, o país europeu continuaria com o “direito de intervir em assuntos legislativos da colônia, particularmente no que diz respeito a assuntos ‘nativos’ [...]. Porém, não agiu para combater as tendências supremacistas brancas que a colônia logo exibiu” (Dangarembga, 2023, p. 8).

Entre essas tendências está a Lei de Distribuição de Terras, de 1930, que concedeu aos

africanos o direito de comprar terras em apenas 7% do território do país, sendo proibida a compra em áreas destinadas aos europeus. Na educação, a escolha foi se afastar do modelo sul-africano e adotar o padrão europeu, mantendo a segregação. Enquanto as escolas frequentadas por alunos brancos mantinham um modelo britânico, os jovens negros africanos iam à escola aprender “habilidades agrícolas e industriais” (Dangarembga, 2023,p.11).

Foi a partir da influência das igrejas cristãs, que começaram a investir em educação secundária para africanos e obtiveram bons resultados, que o governo começou a ampliar o acesso à educação. O passo seguinte foi iniciar o processo de dessegregação das instituições, em um movimento de distanciamento do *apartheid* que acontecia na África do Sul.

O objetivo final desses cidadãos era criar um tipo de sociedade multiracial. Os dessegregacionistas eram da opinião de que o domínio branco teve um efeito civilizatório sobre os africanos e que essa nova civilização se manifestava nos comportamentos e instituições africanas (Dangarembga, 2023, p. 11).

Esses cidadãos brancos dessegregacionistas entendiam que, de alguma forma, não era necessário separar fisicamente os europeus e seus descendentes dos africanos por compreenderem que as ideias plantadas durante o processo de colonização tinham germinado e dando bons frutos, quer dizer, tinham sido absorvidas e mantidas apesar da mudança de controle governamental para os locais. Isso inclui a discussão em torno dos costumes.

Tsitsi Dangarembga traz ainda na introdução que na Rodésia do Sul as mulheres africanas “eram vistas inicialmente como vítimas dos homens africanos” (Dangarembga, 2023,p. 13), e que eles, por sua vez, eram colocados como homens violentos e que não gostavam de trabalhar. E analisa que sua construção familiar, assim como de todo africano natural da Rodésia do Sul que investiu no desejo de estudar, passou pela junção do discurso colonial com o religioso, e que as consequências disso são vistas até hoje, mesmo após o país se tornar independente e passar a ser chamado de Zimbábue, o que acontece em 1980<sup>1</sup>.

Eu nasci, então, em uma sociedade perversa que me enxergava como essencialmente carente de humanidade plena, necessitada, mas nunca capaz, como resultado de um corpo preto, de atingir o status completo da humanidade. Este é o ambiente em que cresci. São essas malignidades, seus

<sup>1</sup>Fundação Cultural Palmares. *De Rodésia do Sul ao atual Zimbábue*: 18 de abril, dia da Independência do Zimbábue. Publicado em: 8 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/de-rodesia-do-sul-ao-atual-zimbabue-18-de-abril-dia-da-independencia-do-zimbabue#:~:text=A%20guerra%20civil%20s%C3%B3%20foi,%C3%81frica%2C%20durante%20a%20idade%20m%C3%A9dia>. Acesso em: 26 out. 2024.

fundamentos e seus efeitos em minha vida e na vida de outros seres humanos de corpos pretos que traço nesses ensaios (Dangarembga, 2023, p. 14).

São três o número de ensaios apresentados na obra. O primeiro, *Escrever como uma preta e mulher*, explica como a escrita a ajudou no processo de tornar-se negra e mulher. Recorrendo mais uma vez a um relato pessoal, Tsitsi conta que ela e o irmão já haviam nascido quando os seus pais ganharam bolsas para estudar em Londres. Todos foram para a Inglaterra, mas, ao chegar ao país, ambos foram deixados sob a tutela de uma família local, o que provocou a sensação de ter sido guilhotinada. “Foi um lugar que me ensinou até hoje a desconfiar da felicidade, um hábito que luto permanentemente para superar” (Dangarembga, 2023, p. 24).

Foi nesse recorte de espaço e tempo que começa a entender os efeitos do imperialismo, que institucionaliza uma hierarquia de saber, ao determinar o conhecimento que é válido e o que não é válido. “O império é sobre poder, apropriação, expropriação e, muitas vezes, extermínio, independentemente da fisiologia” (Dangarembga, 2023, p. 23). E também foi nesse local, em meio a pessoas brancas, que entende ser uma pessoa preta. “O ser preta é uma condição imposta a mim, em vez de uma identidade vivenciada” (Dangarembga, 2023, p. 31), diz Tsitsi, que, até hoje, não se identifica com essa palavra para se referir à sua cor, mas sim à sua vivência social.

A partir de uma vivência solitária, tanto no lar adotivo quanto na escola, apesar da existência do irmão, foi nas palavras que Tsitsi Dangarembga se refugiou. Cresceu percebendo que as “palavras eram poder” (Dangarembga, 2023, p. 26), que muitas decisões eram tomadas, muitas questões eram resolvidas após conversas, que “com palavras eu poderia fazer coisas [...]. E segue pontuando “Aprendi que escrever começa muito antes do que me ensinaram acreditar depois: que escrever nada mais é do que contar, começando com aquilo que você conta para si mesma; que a palavra é um método de moldar a experiência” (Dangarembga, 2023, p. 26).

E é por meio do domínio das palavras que agora, segundo a autora, as pessoas racializadas conseguem não se resumir a sentir as dores do racismo, mas a passar para o outro o incômodo gerado por todo esse processo de violência. Saber não se resumir a dor causada pelo outro, e também nomeá-la a ponto de não assumir para si a ação de resolver uma questão criada pela outra pessoa é um presente. “A melhor escrita abre a lesão repetidamente e a limpa [...]. Essa transformação é a nossa melhor opção nesta era” (Dangarembga, 2023, p. 18).

Ter domínio das palavras também a fez ter a compreensão do que é ser mulher, começando pela chegada da puberdade, passando pelo estímulo a aprender a cuidar da casa e não a dirigir automóveis, como aconteceu com seu irmão, até os primeiros contatos com teorias feministas. Junto à luta contra o imperialismo, foi somada a luta contra o patriarcado. Todo esse questionamento e inconformismo viraram livros e roteiros que levaram tempo até serem publicados.

Em uma das passagens do ensaio, a autora relata todos os movimentos que fez em busca de editoras para que fossem publicar seus escritos. Mais do que isso, percebeu que o trabalho artístico feito por pessoas brancas recebiam mais financiamento do que o feito por pessoas negras, principalmente se fossem mulheres. E que em algumas situações, ter a presença de uma pessoa negra em eventos já era o suficiente para ser considerado diverso e inclusivo.

Essa lembrança datada de 1990 é ainda muito recorrente atualmente. No livro, a autora usa eventos literários como referência; na atualidade esse tipo de discussão acontece em torno de publicidade, locais de trabalho, instituições de ensino, etc. Quando Achille Mbembe fala sobre o *devir negro* no mundo é também por causa dessa perspectiva de que as estratégias desenvolvidas na época das invasões foram mantidas, atualizadas e ampliadas para serem aplicadas até hoje.

O processo de invisibilização do corpo negro, que tem sua subjetividade negada ao ser julgado sempre a partir da coletividade, faz com que sua experiência seja vista como igual a de outro ser negro, e não individualizada. Esse movimento faz com que, em situações as quais se pedem diversidade, ter um corpo que não seja branco e dentro dos padrões heteronormativos já seja suficiente. E é importante pontuar que, muitas vezes, esse corpo *fora do padrão* abriga uma mente que pensa muito parecido com o *status quo*, falando o que todos querem ouvir, ou age de maneira controlada, não provocando incômodos.

No segundo ensaio, *Preta, mulher e a supermulher feminista preta*, a autora detalha o tratamento dado às mulheres a partir da construção colonial e social do Zimbábue, dando luz aos conflitos gerados por ação das negações e invisibilidade dadas a elas. “O patriarcado foi meu primeiro terror criado pelo homem, depois do problema existencial de simplesmente estar neste planeta” (Dangaremgba, 2023, p. 47). A escritora conta que já na adolescência entendeu que existia a partir de uma “dupla negativa: não ser homem, não ser branca”

(Dangaremba, 2023, p. 49) e que lidar com isso demandava uma energia enorme, e que poderia usar, se fosse possível, em outras situações que não as criadas pelo patriarcado. Quando diz, na mesma página, que o “racismo não explicava tudo”, (Dangaremba, 2023, p. 49) é nesse sentido da misoginia ser também um traço importante na construção de sociedades com herança colonial.

Tsitsi faz questão de explicar que até 1982, mesmo após completarem 21 anos, as mulheres africanas ficavam subordinadas à tutela de um homem. Era ele quem permitiria a mulher trabalhar, casar, estudar e fazer algum procedimento médico. Só depois desse ano, quando foi promulgada a Lei da Maioridade Legal, que as mulheres pretas no Zimbábue foram legalmente emancipadas aos 18 anos.

Cabe lembrar a contradição social no país. Ao mesmo tempo em que Tsitsi revela, no primeiro ensaio, que há um movimento para *vitimizar* a mulher africana com relação a esse homem africano, ao dizer que ele tem tendência a ser violento e a não gostar de trabalhar, logo, ela precisa ser *protegida* pela sociedade; por outro lado, houve uma legislação por anos que a fez ficar sob a guarda desse mesmo homem, e não houve interferência alguma da colônia para mudar essa situação, mesmo antes da independência.

No ensaio ela explica que a contradição, na verdade, foi um projeto de Theophilus Shepstone, um funcionário britânico que era a favor o apartheid e acreditava que as pessoas pretas só poderiam participar de uma sociedade branca após serem educados.

Ele começou a negociar com as autoridades dos povos locais com a intenção de tornar esses poderes úteis para os esforços de colonização, muitas vezes por meio do artifício de jogar uns contra os outros. Dois de seus legados duradouros incluem reservas em que africanos viviam, e a codificação dos costumes locais da época como lei por meio do diálogo exclusivamente com os homens. Através desta última, a subjetividade das mulheres africanas foi simplesmente expurgada do discurso e da prática colonial. Essa segunda estratégia do domínio colonial, de dividir para conquistar, era baseada em gênero. Os homens foram colocados contra as mulheres africanas e se identificavam com a força colonial invasora, embora o tempo fosse logo mostrar que essa identificação não os salvaria de sua própria subjugação pelos colonos (Dangaremba, 2023, p. 53).

Gerar conflitos entre homens e mulheres negras foi um plano tão bem executado que permaneceu em ação mesmo depois da independência. Até a filosofia Ubuntu, cuja premissa é *eu sou por nós somos*, foi usada na tentativa de fazer com que essas mulheres não

questionassem, aceitassem o papel designado a elas para que a paz na comunidade fosse mantida.

Essa perspectiva se dá até hoje, mesmo quando as mulheres da região estão mais organizadas. Segundo a autora, os homens do Zimbábue reconhecem mais as mulheres de fora do país do que as conterrâneas, mas que pequenas vitórias já são percebidas por causa da mobilização de uma parcela delas que têm a coragem de enfrentar o sistema. Tsitsi reconhece que ainda há muitas mulheres que relutam em se autodenominar feministas, apesar de a vivência ir por esse caminho, para evitar ser vista como uma pessoa incômoda e, por isso, colocada à margem. “A misoginia que as feministas enfrentam no Zimbábue é tão normalizada que nem mesmo as mulheres da elite são poupadas quando ousam ir contra o senso comum” (Dangarembga, 2023, p. 66).

É interessante perceber semelhanças com a sociedade brasileira, tanto no país africano como aqui, não é incomum ouvir em vários segmentos que as mulheres que decidem se lançar ao mercado de trabalho e investir em suas carreiras precisam também tomar cuidado para não perder a feminilidade, precisam conseguir cuidar da casa, dos filhos, ser uma “mulher para casar”.

Um caminho possível para desatar esse nó social é descolonizando o pensamento, tema do terceiro e último ensaio da publicação, chamado *Descolonização como imaginação revolucionária*. “Definir o corpo preto como o local da dor que flui do sistema de colonização é a norma” (Dangarembga, 2023, p. 66), diz Tsitsi; mas mais do que local de dor, a colonização determina que esse corpo e essa mente sejam *domesticados*, por isso os ataques não apenas físicos, mas também às crenças, às linguagens e aos sistemas de sociabilidade.

No ensaio a autora traz um dado interessante do período pré-independência do país. O governo, de minoria branca, prendia os nacionalistas, que tinham essa mentalidade descolonial, em presídios totalmente isolados e de maneira arbitrária. Esse processo acabou fortalecendo o movimento de alguma maneira, já que essas prisões viraram locais de formação social e construção coletiva.

Como dito anteriormente, apesar de todo esse movimento dos nacionalistas, o que prevaleceu no processo de independência foi a manutenção do *modus operandi* colonial. O poder mudou de mão, mas a filosofia por trás seguiu intacta, o que gerou diversos conflitos. A escritora aproveita para falar sobre a necessidade de a descolonização acontecer também em

quem provocou essa série de violências, evidenciando que não é um trabalho restrito às ex-colônias, mas coletivo.

Fica claro que mais do que uma retomada de território, é preciso retomar a própria história, recuperar a identidade de antes da colonização para compreender os passos a dar em seguida. Mais uma vez recorrendo a uma experiência pessoal, TsiTsi Dangarembga relata que em seu grupo linguístico no Zimbábue a filosofia Ubuntu é vivida a partir da “premissa ‘eu estou bem se você também estiver’” (Dangarembga, 2023, p. 92). Isso pressupõe um cuidado coletivo, com a coletividade, diferentemente da filosofia individualista e segregacionista colonial.

Estamos em um momento de tomada de decisão sobre quais conhecimentos usaremos para traçar nosso futuro e qual lógica permitiremos que nos guie para superar os desafios de nossa época, como mudanças climáticas, sustentabilidade, imigração e desigualdade.[...] Se a lógica do Iluminismo era o racismo, a escravidão, o genocídio e a colonização, a descolonização é a única lógica que oferece esperança de futuro (Dangarembga, 2023, p. 102).

Mais do que lutar pelo território físico, é preciso reconquistar o território simbólico, lutar pela igualdade discursiva, entendendo que o que foi vivido até hoje deixa marcas e ensinamentos, mas que o que tentaram apagar precisa ser retomado e colocado à mesa para que um diálogo seja construído.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DANGAREMBGA, Tsitsi. *Preta e mulher*. São Paulo, SP: Kapulana, 2023.

FUNDAÇÃO Cultural Palmares. *De Rodésia do Sul ao atual Zimbábue*: 18 de abril, dia da Independência do Zimbábue. Publicado em: 8 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/de-rodésia-do-sul-ao-atual-zimbabue-18-de-abril-dia-da-independência-do-zimbabue#:~:text=A%20guerra%20civil%20s%C3%B3%20foi,%C3%81frica%2C%20durante%20a%20idade%20m%C3%A9dia>. Acesso em: 26 out. 2024.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo, SP: N-1 edições, 2018.

**Lídia Michelle Azevedo** - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Doutoranda em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em  
Comunicação e Cultura, UFRJ. Graduada em Jornalismo, UFRJ.

E-mail: [lidiamichelle@gmail.com](mailto:lidiamichelle@gmail.com).